O PARTIDO LIBERAL

DIRECTOR POLITICO E RESPONSAVEL — GUALDINO VALLADARES

1.º ANNO — QUINTA FEIRA 25 DE OUTUBRO DE 1866 — NUMERO 61

INTERIOR

BRAGA

Dotação do Clero

V

A religião não póde substir sem culto; o culto não póde manter-se sem sacerdocio; o sacerdocio não póde viver sem meios.

A classe parochial, de que principalmente nos havemos occupado, recebe actualmente uma remuneração minguada e desegual. Clama a justiça, que é um imperioso dever, e uma necessidade urgente, prover de remedio ás privações e aos males, que affligem essa respeitavel cathegoria de funccionarios. O paiz não póde certamente saudar com hymnos de jubilo o estado das suas condições economicas, nem festejar com applausos prosperidades e grandezas, que não tem. Não é todavia tão grave e desesperada a sua situação; não está elle tão desprovido de recursos, que precise de decretar ao clero as miserias do desamparo e da indigencia, cerceando-lhe, ou recusando-lhe com descaroada crueza os ceitis necessarios á sua sustentação condigna. Todo o trabalho tem direito á remuneração correspondente; e sem o galardão proporcionado e merecido é bem raro, senão impossivel, que elle seja productivo e regularmente desempenhado.

Inspirando-se nobremente da altura e da gravidade do seu ministerio, a clerezia parochial é d'aquella regra economica uma honrosa excepção, que com prazer registramos aqui. O sentimento do dever tem triunfado dos apertos da pobreza. O parocho apezar da mesquinha retribuição, que recebe, não tem deixado de trabalhar com pontualidade irreprehensivel, e em geral com disvellada sollicitude. Se é evidente e indisputavel o direito do parocho, não o é menos o dever da sociedade para com elle. Mas este dever hade cumpril-o o estado em nome dos povos, ou hãode os povos satisfazer a elle de per si e directamente? Se é preciso um imposto destinado e applicado á sustentação do clero, será o estado encarregado de o cobrar, arrecadar e distribuir em conformidade com as prescripções de uma lei, ou será preferivel a creação de um cofre districtal, municipal, ou parochial, onde entrem sómente as contribuições derramadas por uma certa area de territorio?

O systema de pagamento pelo thesouro é preferido por muitos como o mais efficaz, mais prompto, e menos sujeito a morosidades, e a inconvenientes inseparaveis dos poderes locaes. Apezar d'isto não lhe damos a preferencia. Rejeitomol-o, não porque nos assuste a idea, de que governos arbitrarios e oppressores, tentem impor ao clero o jugo de uma dominação absoluta, e dispor d'elle como de um instrumento politico, que se mova e dobre submisso ante os seus caprichos e as suas demazias.

O parocho depois de investido na posse de um beneficio pela intervenção de dois poderes é independente e inamovivel. Não está nas attribuições de um governo o vibrar-lhe por sobre a cabeça o gladio demissorio. E se houvesse um governo tão impudentemente immoral, que punisse a legitima e corajosa resistencia da classe parochial com a suspensão dos ordenados, a mesma classe saberia em tal conflicto preferir as torturas da fome aos desdouros do vilipendio. Succedido tal facto, não padeceria só o parocho, seriam victimas da mesma iniquidade todos os funccionarios civis, que não quizessem abdicar os seus direitos de cidadãos perante as prepotencias e os vexames do poder central. Apesar de ser sustentavel o systema parochial de retribuição recebida immediatamente do estado, entendemos, que não é elle o que melhor assgura ao clero os meios de subsistencia. Sobrevindo uma revolução com o seu luctuoso prestito de males, de devastações, e ruinas, ou havendo uma crise financeira, o clero ficaria reduzido á miseria.

E o estado das nossas finanças é tão deploravel, que não podemos deixar de encarar o futuro do paiz a travez de um horoscopo pouco propicio. Com uma receita que estacionou, e com uma despeza, que cresce sempre, não é preciza grande lucidez d'intelligencia para prever a uma distancia não larga perturbações e mesmo desastres. Qnando os supremos expedientes dos nossos homens d'estado se reduzem a emittir inscripções, e a contrahir emprestimos, toda a illusão seria além de um grave erro, uma total cegueira. Póde encerrar-se a eschola, paralisar o caminho de ferro, suspender-se qualquer serviço publico, embora d'isso resulte para a sociedade grande detrimento, porém no exercicio do ministerio parochial não ha pausas, nem intermittencias; as necessidades espirituaes, e as obrigações do clero são sempre as mesmas tanto nos dias de bonança como nas horas de tempestade. Não póde suspender-se a administração dos sacramentos, e é quando o flagello da guerra, e da miseria açouta e lacera os povos, que estes mais carecem dos lenitivos e das consolações da religião. Não queremos, que o parocho receba a congrua da mão dos freguezes. A experiencia archivou mais de um conflicto, em que a dignidade do sacerdocio ficou tristemente desairada. Parece-nos, que a distribuição do imposto, assim como a sua cobrança feita pelas camaras municipaes de cada concelho, é o alvitre mais rasoavel e mais commodo. Feito o arredondamento das freguezias, e classificadas estas de um modo conveniente, os municipios seriam encarregados de proceder á derrama e contribuição, que devesse ser paga pela respectiva circumscripção municipal para a dotação dos parochos. O quantitativo d'esta contribuição seria arbitrado e repartido em proporção com as contribuições predial, industrial e pessoal.

Fixada a verba, com que cada concelho devia contribuir, facil era em presença do imposto geral pago para o estado estabelecer a quota pertencente a cada um dos contribuintes.

A cargo das camaras ficaria pois a tarefa da distribuição, cobrança e pagamento feito em prestações mensaes.

Assim punha-se o parocho a salvo das contingencias do futuro, das commoções sociaes e das catastrophes financeiras; garantia-se-lhe subsistencia certa, permanente, e segura; assegurava-se-lhe melhor a independencia e a dignidade, e ficava tambem o estado alliviado de um grande encargo.

A idéa não é nossa. *Suum cuique.* A paternidade d'ella pertence a um profundo publicista e eminente escriptor, que a expoz no *Jornal de Vizeu*, onde a lemos. Affigurra-se-nos este systema como o melhor e o mais vantajoso de todos. Desenganemo-nos. O estado não póde fazer tudo. Os excessos na centralisação são perigosos para a liberdade, e nocivos á administração. Empregue-se a acção collectiva da sociedade para satisfazer ás necessidades geraes e importantes. O governo, que se vê forçado a attender a negocios ás vezes microscopicos com desprezo dos assumptos de maior vulto, não só não póde desempenhar bem a sua missão, mas até embaraça e prejudica o serviço publico com decisões ou irrefletidas ou demoradas. Só sociedades ainda na infancia precisam para viver do auxilio constante de uma tutella paternal.

Povos, que chegaram á edade viril, e que foram ungidos com o baptismo da civilisação, devem caminhar com firmeza, e tomar a iniciativa em tudo aquillo, que prende com interesses e necessidades de certa ordem. O estado não é Mentor, que possa inspirar todas as resoluções, e acudir em todos os apertos; não é Hercules, que possa varrer todos os estabulos e cortar todas as hydras. Confiar na omnipotencia dos governos a ponto de depositar a seus pés todos os poderes e esperar da sua acção todos os serviços, não é só um preconceito, é uma necedade. Mas ha infelizmente, quem conferindo ao estado todas as faculdades, se persuade, que os povos estão dispensados de pensar e de trabalhar, porque o pensamento e o trabalho são as funcções primordiaes de todo o governo.

(*Continúa*) *A. M.*

REVISTA EXTRANGEIRA

A bandeira italiana já tremula sobre as fortalezas do quadrilatero; o estrangeiro não piza mais o solo italiano. A Austria reconheceu finalmente os direitos de uma nação, cuja posição geographica e brios nacionaes pediam completa independencia.

Emquanto á questão romana os governos de Florença e das Tulherias affiançam a execução do convenio franco-italiano. Nas actuaes circumstancias o desenvolvimento da questão romana accarretaria graves embaraços aos dous governos.

A ilha de Candia ainda não está pacificada, e o governo turco annunciou officialmente o bloqueio d'esta ilha.

Emquanto aos negocios da Allemanha vejamos o que diz a *Independence belge*:

« Ao contrario da noticia ultimamente recebida da Allemanha, de que o rei de Saxonia acceitára um projecto de tractado combinado pelo snr. de Friesen, seu plenipotenciario, com o gabinete de Berlim, corre em Paris o boato grave, de que um accordo parece agora mais inverosimil do que nunca, e de que os obstaculos que esse accordo encontrava provinham menos ainda das resistencias oppostas pelo rei da Saxonia ás propostas prussianas, do que da natureza inacceitavel d'essas propostas, e do desejo particular do snr. de Bismark, de se aproveitar das difficuldades pendentes, para faltar ás estipulações do tractado de Praga, que garantiram a independencia da Saxonia, e para tratar este reino pura e simplesmonte como paiz conquistado, á maneira do Hanover, Hesse, Nassau e cidade livre de Francfort.

A disposição que leva hoje os diversos paizes da antiga confederação germanica a acceitarem a direcção suprema da Prussia; as condescendencias da Baviera, que se mostra mais resolvida a fazer causa commum com o seu antigo adversario, do que a pôr-se á testa da linha de estados independentes ao sul do Meno; a influencia com que a Saxonia supporta os encargos do regimen a que está sujeita; as boas relações que o gabinete de Berlim mantem com o de S. Petersburgo; o pesar com que o snr. de Bismark accedeu as exigencias da Austria e da França em favor da Saxonia; todas estas circumstancias, reunidas ao modo pouco lisonjeiro por que em França se acceitaram os engrandecimentos excepcionaes e imprevistos da Prussia, podem explicar o boato que corre em Paris, e de que acima fallamos, sem todavia o justificar. Com quanto os ultimos acontecimentos que se deram na Europa enfraquecessem a força dos tratados e o respeito que mereciam, é necessario que haja mais do que uma simples suspeita para se accusar um governo de querer, muito de proposito, calcar aos pés os compromissos mais solemnes no dia seseguinte áquelle em que os contrahiu.

Registamos pois o boato que corre em Paris com a maior reserva, esperando que noticias posteriores o venham confirmar para se apreciar a influencia que os factos de que se trata podem exercer nas relações entre a França e a Prussia. Por agora limitamo-nos a dizer que nos circulos, onde esses factos são considerados, accrescenta-se que já deram causa a observações diplomaticas da parte do governo francez.

« As correspondencias de Berlim, dirigidas á « Correspondencia Havas », dizem que, nos tratados de paz feitos com a Baviera e o Hesse-Darmstadt o regulamento das questões territoriaes suscitadas pela cessão de certos territorios limitrophes feita pela Baviera e Hesse-Darmstaet ficou reservada para uma commissão especial.

Esta commissão é composta, por parte da Prussia pelo conselheiro de regencia, snr. Ribbeeh (do ministerio do reino), pelo conselheiro de legação, snr. de Bulow (do ministerio dos negocios estrangeiros), e pelo major de Ceprivi (do ministerio da guerra).

O governo de Baviera nomeou para o mesmo fim o director do governo da provincia da Baixa Franconia e de Aschaffendurgo, snr. Hoerbach.

O governo de Hesse não nomeou ainda o seu commissario.

Os membros prussianos da commissão vão partir brevemente de Berlim, a fim de darem começo aos seus trabalhos. »

FOLHETIM

PROCESSO DOS THUGS

SUPREMO TRIBUNAL DE CALCUTÁ E MADRASTA

PRESIDENCIA DE LORD WILLIAM BENTICK

ACCUSADOS 3266

A deusa Kály — Mysterio das iniciações — Terriveis juramentos. — Ordens indiscutiveis. — Cega obediencia. — Armadilhas infernaes — O Goor Knat (lenço sagrado). — Cavernas tenebrosas. — Abysmos insondaveis. — Festas sinistras. Saturnaes. — Sacrificios humanos.

(Continuação)

XXII.

Depoimento das testemunhas — O viajante Hamel.

Invocara a cozinha.

Calm, o segundo passageiro, nunca se tinha separado do coronel, que era seu irmão collaço. Tinha assentado praça para o acompanhar, e teria recusado todos os postos que o seu indomavel valor lhe grangeou, se para acceitar fosse preciso abandonar Ireton. Como elle, voltara á Europa, e tomara odio á vida que levava em Inglaterra. O tedio suggerira-lhe uma occupação, tinha-se feito coisnheiro do coronel e passava o tempo a arranjar os manjares indianos que ambos comim durante as suas antigas campanhas.

Uma manhã, o coronel chamou por Calm:

— O teu Karrick á indiana não está bom, meu valente Calm.

— Então que tem, coronel?

— Não sei; parece-me que lhe falta alguma coisa.

— Eu deitei-lhe todos os ingredintes da minha receita.

— E' possivel; Mas quando o comiamos na India tinha um cheiro tão bom, um sabor tão delicioso, uma coisa emfim que lhe faltava agora. Aposto que te esqueceste de lhe deitares algum adubo.

— Mas não lhe disse já que tinha deitado todos os ingredientes da minha receita?...

— Então é a tua receita que não presta.

— Se nós escrevessemos para a India, ao capitão Cloves, para nos mandar outra...

— O melhor é nós irmos lá mesmo pedil-a.

Calm n'um pulo passou para o quarto para ir preparar a mala, e na mesma tarde mettiam a caminho Ireton e Calm para irem buscar ao fim do mundo, uma receita culinaria. Acompanhava-os Blasck, um grande cão preto.

A um signal do attorney geral o primeiro escrivão do secretario da justiça suspendeu a leitura.

— A *attorney geral*: Se a testemunha Hamel estivesse presente, poder-lher-iamos pedir que não fosse tão minucioso na narração da sua viagem. Porém, cremos que é util não cortar coisa alguma do seu relatorio. O que se tem lido, e o que se vae continuar a ler, abstraindo o interesse que o tribunal lhe acha, é o prologo do sanguinolento drama em que os thugs, vão intervir.

— O *escrivão*: Continuando a leitura do depoimento:

Vinte e quatro horas depois do meu embarque, os cuidados que todos prodigalisavam ao artista moribundo, tinham feito com que eu me relacionasse com o coronel.

— O seu compatriota está perdido, o ar do mar prolonga-lhe a existencia, mas o infeliz morre apenas ponha pé em terra em Calcutá me disse elle.

— Parece-me que sim, coronel, mas elle podia talvez viver mais algumas semanas, se as saudades da irmã o não minassem de continuo.

E contei-lhe a historia da dedicação do pobre pierrot por Poussette.

Estava a terminar, quando Calm veiu dizer que o doente nos queria fallar. Descemos ao quarto onde elle estava estendido n'um divan.

— Meu bom snr. Hamel, me disse elle quero confessar-lhe diante do coronel uma falta minha. Eu mentia, pela primeira vez na minha vida, quando lhe dizia o outro dia, que mandara para França o dote de Poussette. Tinha-me custado muito a arranjal-o para o confiar a quem quer que fosse, queria eu mesmo leval-o. Ainda o tinha no dia da partida, e desde a ante-vespera que não tinha comido, mas o dote de minha irmã era sagrado para mim... não lhe tocava ainda que cuidasse de atravessar o mundo a pé, morrendo de fome e de sede.

O dinheiro era em oiro e muito pesado e incommodo. As minhas algibeiras estavam muito fracas para tanto peso, e dava tratos á imaginação para descobrir um meio de levar escondido o meu thesouro quando o acaso me deparou um feliz encontro. Era um mineiro americano com quem travara relações no theatro. O meu bom comportamento grangeára a sua amisade:— « Deves ter bem bons vintens das tuas economias? » dizia-me elle ás vezes... por amisade que me tinha, já se sabe. — No dia da partida, tornou-me a fazer esta pergunta e eu dei-lhe parte immediatamente das difficuldades em que me via para levar o dinheiro para França « O meio é bem simples, me disse elle converte o teu peculio em diamantes, em notas não, por que aqui são quasi todas falsas; é uma coisa pequena, leve, e pode-se cozer ao forro do fato. Espera ahi, sei de um cambista que tem um para vender.... vale mais de um conto e duzentos e oitenta mil réis, asseguro-o eu, fui eu que lho vendi tinha-me custado um conto seiscentos e vinte mil réis. Em S. Francisco são raros os pagamentos á vista, o cambista portanto não regateiará. »

O mineiro levou-me á loja do cambista, que primeiro não queria largar o diamante pelo conto e duzentos e oitenta mil réis, e uma hora depois já eu o tinha mettido no cinto das calças. Por isso é que eu não queria o outro dia mudar de fato.

Alfredo foi acommettido de novo ataque de tosse, e continuou:

Inauguração do monumento de D. Pedro IV.

Em continuação ao que já publicamos a respeito da inauguração do monumento publicamos hoje:

Auto da inauguração da estatua, que a cidade do Porto levanta á memoria de S. M. I. o Snr. D. Pedro IV.

Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocentos sessenta e seis, aos 19 dias do mez d'outubro n'esta invicta cidade do Porto e praça de D. Pedro (antes denominada praça Nova), aonde se haviam dignado comparecer SS. MM. El-Rei o Snr. D. Luiz I, e El-Rei o Snr. D. Fernando para honrarem com a sua augusta presença o solemnissimo acto da inauguração da estatua equestre, que esta cidade levanta á memoria de S. M. I. o Snr. D. Pedro IV, como testemunho de gratidão nacional e achando-se igualmente presentes o exm.º visconde d'Almeida como representante de S. M. I. a snr.ª duqueza de Bragança, e o exm.º marechal marquez de Sá da Bandeira, como representante de S. A. I. a Snr.ª Infanta D. Isabel Maria o exm.º presidente de ministros, e os exm.os ministros da marinha e ultramar, da fazenda e interino da guerra, das obras publicas, commercio e industria, conselheiros d'estado, pares e grandes do reino, titulares e mais pessoas que formam a côrte, deputados da nação, camara municipal, a commissão auxiliadora dos trabalhos do monumento, auctoridades ecclesiasticas, civis e militares, judiciaes, corpo consular, corporações scientificas, commerciaes, e de soccorros de beneficencia e mais subscriptores da obra do monumento com suas familias e industriaes que previamente haviam sido convidados pela exm.ª camara municipal, achando-se a praça guarnecida pela força militar formada em parada, e decorada, com pavilhões vistosamente aderessados, mastros, flores, bandeiras, sendo a guarda de honra ao monumento formada por soldados que foram participantes das gloriosas fadigas do generoso dador da carta constitucional: ahi ás duas horas da tarde, designadas para a ceremonia da referida inauguração, previamente marcadas por Sua Magestade El-Rei para o dia de hoje, declarado de grande gala por decreto de treze do corrente, a exm.ª camara municipal reunida com a commissão auxiliadora esperou Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I, e seu augusto pai El-Rei o Senhor D. Fernando, á entrada da praça e os acompanhou ao pavilhão que para esse fim se achava armado. O exm.º presidente da exm.ª camara municipal, obtida a competente venia, endereçou a Sua Magestade uma allocução, a que o mesmo augusto senhor se dignou responder, pedindo depois a Sua Magestade imperial o Senhor D. Pedro IV. E logo Sua Magestade El-Rei se encaminhou com as pessoas do seu sequito, ao monumento, e cahido o veu appareceu a estatua equestre do immortal dador da carta constitucional: girandolas de foguetes, que foram correspondidas por uma salva real das fortalezas da Serra do Pilar, e de S. João da Foz, e dos navios de guerra surtos no Douro annunciaram á cidade o desencerramento da estatua no meio de clamorosos vivas e saudações ao principe, que dentro dos muros da cidade invicta firmou com mão victoriosa a liberdade da nação portugueza, e logo o exm.º presidente da exm.ª camara levantou os vivas a S. M. El-Rei, á familia real, á carta constitucional e á cidade do porto, que foram enthusiasticamente correspondidos pela tropa e povo. Terminadas estas demonstrações d'alegria voltaram SS. MM. e o seu sequito ao pavilhão, e então o exm.º presidente da exm.ª camara offereceu a S. M. um exemplar em ouro da medalha da inauguração. Em seguida dirigiram-se SS. MM. aos paços do concelho e alli S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz I estando na sala das sessões dignou-se apparecer á sacada do edificio recebendo as saudações do povo, e a tropa desfilou em continencia, finda a qual, e tendo S. M. tomado logar no throno, que para este fim se achava armado, leu-se o presente auto, que Suas Magestades se dignaram assignar com as pessoas de sua comitiva; authoridades superiores, camara municipal, commissão auxiliadora, e todas as mais pessoas acima designadas, e circumstantes, depois de ter sido lido por mim, Antonio Augusto Alves de Souza, escrivão da exm.ª camara municipal que o escrevi.

Allocução do snr. visconde de Lagoaça, presidente da camara

«Senhor! — O acto solemne que na augusta presença de V. M. vai ter logar, completa os votos d'esta invicta e leal cidade, e o nobre empenho com que os seus habitantes, como indelevel testemunho de gratidão e reconhecimento, se propozeram levantar dentro de seus inexpugnaveis muros, um monumento á memoria esclarecida e para sempre saudosa do grande principe, generoso fundador e restaurador da monarchia constitucional no nosso paiz.

Não nos guiou n'este empenho nenhum principio d'anhelação ou lisonja, já hoje infelizmente sem objecto; nenhum desejo, que seria pueril de fazer ostentação e mostrar vaidades, nenhuma necessidade emfim de preservar do esquecimento beneficios e acções egregias que de per si mais que o marmore e o bronze resistem á acção voraz do tempo, e que, vivendo na memoria de todos, as transmittem de geração em geração para serem abençoadas e lembradas até na mais remota posteridade.

Mas o Porto, baluarte da liberdade e typo ao mesmo tempo do mais acrisolado amor para com os seus legitimos soberanos, o Porto que cada pedra recorda um facto glorioso do immortal duque de Bragança, o Porto a quem o egregio principe tanto amou e constituiu depositario do seu magnanimo e generoso coração, tinha como dever sagrado corresponder ao precioso legado e testemunhar do modo mais authentico e solemne a sua alta estima e profundo reconhecimento á memoria do grande genio, que pela espontanea outorga da Carta Constitucional soube remoçar a velha monarchia de D. Affonso Henriques e D. João I, que pela porfiada restauração do throno de sua augusta filha a snr.ª D. Maria II perpetuou na inclita dynastia de Bragança as esperanças da patria, e que pelas valiosissimas reformas que mesmo no estridor das armas se não esqueceu d'operar, libertou a terra, soltou os braços á industria, e lançou as bases a um governo illustrado, beneficente e justo.

Eis, senhor, toda a significação d'este glorioso padrão, modesto, em si, mas grande no pensamento como tributo de respeito, symbolo de gratidão e homenagem á virtude.

Nascido de simples inspiração dos portuenses, em cujos corações o snr. D. Pedro IV tinha, tem e terá sempre um monumento, denota que o amor acrisolado dos povos corresponde sempre á desvelada sollicitude dos reis

Levantado quando vão já longe e felizmente apagadas as nossas discordias intestinas, não tem por fim suscitar nem manter divisões odiosas que o bem da causa publica repelle. Inaugurado finalmente na regia presença de V. M. e sob os auspicios d'um soberano tão illustrado, e que por genio e educação comprehende em toda a sua extensão os deveres da realeza constitucional, alenta a esperança de que a obra do immortal D. Pedro nunca ha de deixar de ser uma verdade.

Assim seja e Portugal recobrará o logar que lhe compete na grande escala da civilisação.

Senhor, permitta-me agora V. M. que em nome do Porto agradeça a V. M. e a El-Rei o Senhor D. Fernando a subida honra que lhe fazem de virem com as suas augustas presenças realçar o esplendor d'esta festa, e peço igualmente a V. M. a permissão de consignar aqui um testemunho de respeito e gratidão a S. M. Imperial a Senhora Duqueza de Bragança, a quem esta cidade respeita pelas suas reconhecidas virtudes, por se ter dignado fazer representar n'este acto, o que esta cidade recebe como uma prova de consideração da augusta viuva do magnanimo imperador.

N'este dia, que para sempre ha-de ser commemorado com verdadeiro jubilo e como mais um facto que engrandece a historia d'esta cidade, os portuenses não podem patentear de melhor modo a sua adhesão e fiel acatamento á pessoa de V. M. do que protestando empenhar todos os seus esforços, affrontando todos os sacrificios, correr todos os riscos sempre que seja mister defender a independencia o integridade do paiz, as liberdades patrias garantidas na carta constitucional da monarchia e o throno legitimo de V. M.

Digne-se V. M. acolher com a sua costumada benevolencia este solemne protesto que o Porto inteiro faz ante V. M., e no qual afoutamente o posso dizer, nos acompanham os benemeritos cidadãos que de longe vieram prestar mais uma homenagem de respeito á memoria do heroe a quem se destina esta festa, em cujo numero vemos ainda essas reliquias venerandas do exercito, que mereceu o titulo de libertador, reliquias que merecem a consideração da patria, e que não deixaram de concorrer a este acto em honra do general que tantas vezes os conduziu á victoria. E todos elevamos ao Todo Poderoso os nossos votos para que abençoe o feliz reinado de V. M., e que permittindo que este padrão de gratidão eterna marque uma nova era de prosperidade publica, permitta tambem que seja um talisman de paz e una cada vez mais a familia portugueza, para quando um dia a historia inscrever em seus fastos o nome engrandecido de V. M. possa com verdade dizer de V. M. — foi como D. Pedro IV, o digno successor de D. Maria II e de D. Pedro V.

Resposta de S. M. El-Rei

«A cidade do Porto levanta hoje á memoria de meu augusto avô aquelle padrão que attestará nas epochas futuras o reconhecimento e a saudade da patria.

Os monumentos a que a vontade dos povos assim confia os fastos memoraveis da sua historia, são nobres testemunhos de respeito, de gratidão e de esperança que de si deixam as gerações que passam, e que aos vindouros cumpre acatar, como representação permanente da vida social, e do pensamento commum da geração que passou pelos mesmos sacrificios e participou das mesmas glorias.

A cidade do Porto, outr'ora berço da nacionalidade portugueza e mais tarde baluarte da liberdade, consagra hoje este principio, com solemne ostentação.

A inauguração do monumento, levantado pelo heroico povo portuense em memoria de S. M. Imperial o Senhor D. Pedro IV rei, de Portugal, imperador do Brazil duque de Bragança e regente da monarchia, meu augusto avô, de gloriosa memoria, representa o respeito e a admiração pelas recordações do que ha de mais glorioso para a nação, e de mais honroso — para o individuo — o esforço, a lealdade, os sacrificios, e com elles o nobre enthusiasmo pelos dois grandes principios nacionaes, a liberdade e a monarchia.

O [illegible] gido acabará um dia, como se finou o cidadão illustre a quem é consagrado! O tempo que tudo destróe, gastará aquelle bronze, e fará desmoronar os marmores sobre que assentam os seus fundamentos! O esforço e a energia do homem não póde chegar a eternisar senão a fama.

Mas a recordação do Rei, do Legislador e do Soldado pepertuar-se-ha com a memoria da liberdade, que deu á sua patria, e com o testemunho das grandes virtudes civicas que lhe ornaram o espirito.

O seu nome passou já á posteridade no cathalago dos grandes principes, que sentindo em si a superioridade que dá direito a governar os homens, viram na liberdade a base e a cupula do edificio social, e conduziram para ahi com intrepidez os povos que se lhes confiaram.

Feliz o que assim pode juntar o seu nome ao nome dos homens illustres, e legal-o com honra aos seus vindouros! O nome do meu Augusto Avô resume tudo de quanto ha mais grandioso na memoria dos homens que a historia aponta como mais avantajados na fama — legislador — deve-lhe o paiz o codigo fundamental das liberdades patrias e as largas reformas que libertaram a terra e firmaram a igualdade dos cidadãos — esforçado capitão — assignalaram o seu nome gloriosos feitos — pai — despojou-se da corôa em que enlaçara a espada com a penna, e cingiu-a na fronte da filha, minha Augusta Mãe, de gloriosa e saudosa memoria — amigo do povo finalmente — legou-lhe do leito da dôr o abraço fraternal, que symbolisou a união da dynastia com a nação que a sustentará.

No centro de um paiz de tradicções gloriosas não é a necessidade de estimulo para as grandes acções que faz erguer aquelle monumento.

N'este momento acha-se elle cercado dos nobres veteranos da liberdade que a conquistaram com o seu esforço. No dia do perigo todos os portuguezes seguirão o seu exemplo.

O Porto acatou sempre as grandes virtudes, e respeitou com igual culto os grandes homens, quando lisongeados pela prosperidade, ou quando feridos do infortunio. Ao lado do coração magnanimo de meu Augusto Avô abrigou as cinzas do illustre precursor da liberdade de uma grande nação.

Hoje sauda com expressões de affeição e de respeito a Rainha minha augusta esposa, a filha do grande libertador da Italia e neta do martyr do dever, que o Porto acolheu nos dias da desventura.

A harmonia e a paz que são o pruducto seguro dos principios da sciencia que civillisa, da liberdade dos povos e dos progressos do genio, entre os filhos da mesma patria serão igualmente o futuro auspicioso que o dia de hoje ficará significando em Portugal.

Symbolisando as grandes qualidades de um povo generoso que sabe dedicar-se por tudo quanto é virtuoso e grande, a cidade do Porto sustenta sem quebra as nobres tradições. A ella confio a guarda do saudoso monumento e de tudo quanto elle exprime.»

NOTICIARIO

AOS SNRS. ASSIGNANTES

Fazemos saber que não ficam aliviados do pagamento de suas assignaturas, uma vez que não apresentem recibo assignado pelo administrador deste jornal.

Santa Maria Magdalena.— No domingo de tarde foi conduzida em procissão da Ermida de S. João da Ponte para a Egreja da Misericordia desta cidade a imagem de Santa Maria Magdalena que se venera na capella do [illegible]

E grande a devoção que o povo deste concelho tem com aquella imagem, e a ella recorre todas as vezes que se vê acossado por qualquer calamidade publica.

Primaz.— É este o titulo do um novo jornal que começou a publicar-se n'esta cidade.

Parabens.— Ao exm.º sr. Conselheiro José Joaquim Vieira, damos os nossos parabens pelo nascimento dos seus dois filhinhos.

Carta. — Snr. redactor. — Como no n.º 1.º do jornal que se publica n'esta cidade o = «Primaz» = vem annunciado que na minha livraria se vende o mesmo jornal e mais outros livros: rogo a v. o obzequio de fazer constar pelo seu acreditado jornal que tal annuncio não é exacto.

De v.

Eduardo Coelho.

Acertada escolha. — Apezar de muito vivas ainda as saudades que a prematura morte do exm.º snr. Moraes de Carvalho, juiz de direito que foi desta comarca, deixou a todos os seus habitantes, as qualidades que distinguem o seu successor o exm.º snr. Fonseca e Castro vão minorando consideravelmente este estado. S. exc.ª, á semelhança do snr. Moraes de Carvalho, junta a uma probidade, rectidão e honradez inconcussa uma energia e actividade inimitaveis.

Sabemos que s. ex.ª tem publicado varias sentenças mediando unicamente o tempo indispensavel para examinar os processos, depois de conclusos; as vantagens que d'esta promptidão resultam a bem da justiça são de todos bem conhecidas. Folgamos de registrar estes factos

Encommendação.— Foi nomeado encommendado para Villa Nova de Sande o reverendo padre Manoel da Conceição Costa, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra.

Foi uma nomeação acertada. O sr. Conceição é um ecclesiastico intelligente e hade exercer aquelle logar com toda a dignidade, porque reune á intelligencia as melhores qualidades moraes.

Damos os nossos parabens ao sr. padre Conceição.

Camillo Castello Branco.— Acha-se ha dias nesta cidade o distincto romancista Camillo Castello Branco.

Eleições supplementares.— Pelo circulo de Santo Ildefonso ficou eleito o sr. João Chrysostimo d'Abreu e Souza. Pelo circulo 114 de Lisboa ficou eleito deputado o sr. ministro da fazenda Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

Pelo circulo de Felgueiras ficou eleito o sr. doutor Custodio José Vieira.

Pelo circulo de Paredes ficou eleito o sr. ministro do reino João Baptista Ferrão de Carvalho Martens.

Medalha da Inauguração.— A medalha commemorativa da inauguração da estatua do sr. D. Pedro IV. apresenta uma circumferencia de 19 centimetros e a grossura de 5 millimetros, mostrando de ambos os lados um reborbo de dois filetes iguaes.

No anverso da medalha vê-se o monumento do lado que olha para o poente. D. Pedro, a cavallo, mostra na mão direita a Carta Constitucional, e o pedestal apresenta ao espectador a scena da entrega da bandeira ao batalhão de voluntarios da Rainha, orlando esta face da medalha a seguinte dedicatoria: — A D. PEDRO IV, A CIDADE DO PORTO.

No reverso ha dois ramos, um de carvalho e outro de louro, atados nos pés por um laço de fita; estes ramos sobem até que se unem a um resplendor com o qual se ligam e fecham o circulo, em cujo centro se le:

19
DE OUTUBRO
1866
S. M. EL-REI D. LUIZ I
INAUGURA O MONUMENTO QUE
AO PRINCIPE INSTAURADOR DA
LIBERDADE PORTUGUEZA ERIGIU
Á CIDADE DO PORTO POR IMPULSO
E DIRECÇÃO DA CAMARA MUNICIPAL
COADJUVADA POR UMA COMMISSÃO
DE CIDADÕES PORTUENSES SENDO
O PRESIDENTE DO MUNICIPIO
O VISCONDE DE LAGOAÇA.

Descripção dos relevos do monumento do sr. D. Pedro IV.

PRIMEIRO BAIXO RELEVO — ENTREGA DA BANDEIRA

No centro S. M. D. Pedro IV entregando a bandeira a D. Thomaz Mello Breyner; á direita do imperador, em segundo plano, s. exc.ª o snr. marquez de Sá da Bandeira; á esquerda um ajudante de campo do qual se não vê a cabeça; e ao fundo, em quarto plano, s. exc.ª o snr. marquez de Ficalho; á esquerda e por detraz do impera-

---

— O snr. diz-me, e eu tenho feito a diligencia por acreditar, que ainda hei de tornar ver minha Poussette... mas raciocinando, vejo que a India ha de ser o meu Pere-la-Chaise. Por isso o escolhi para me guardar os unicos teres de minha irmã... é pouco, é verdade, mais isto mesmo posto a render garantil-a-ha da miseria e de alguma coisa, peior ainda! Deus velará pelo snr. Hamel quando eu morrer, e o abençoará se satisfizer a ultima vontade do saltimbanco. Olhe, aqui está o meu thesouro.

E, abrindo a mão, apresentou-me um diamante do tamanho de uma avelã.

Não me foi preciso mais que olhar para elle:

— Enganaram-o! exclamei eu.

Não posso escrever o vigor que o moribundo rehaveu para se levantar em convulsões, e o tom dilacerante com que repetiu estas palavras repassadas de angustias:

— Enganaram-me! diz o senhor, enganaram-me!

Era medonha a sua desesperação.

N'este momento tirava-me o coronel o diamante dos dedos

— Enganaram-o sim, enganaram-o, disse-lhe elle tranquillamente este diamante não vale um conto duzentos e oitenta mil réis, vale um conto e oitocentos, e a prova é que lho vou comprar.

O abalo fôra extremamente violento para o artista, que desmaiou sem responder palavra. Em quanto Calm se esforçava por o fazer voltar a si, subamos nós para o convez.

— O coronel está doido? o diamante é falso.

— Bem o sei. Este pobre rapaz foi roubado por dois velhacos que andaram em tudo isto de accordo um com o outro; mas era isso razão para dissipar a este desgraçado as illusões que lhe suavisam a agonia?

Fomos interrompidos por um subito e ruidoso clamor da equipagem. Mas primeiro que tudo uma explicação. Quando chegamos a bordo, Nazir foi-se deitar á popa, e conservara-se ali, durante a viagem sem proferir palavra, mas espiando os nossos mais insignificantes gestos. Respeitara o socego do hindu cujos serviços me eram inuteis, porque tinha ás minhas ordens um criado de bordo. A tripulação vendo que Nazir lhe não respondia palavra, já não fazia caso d'elle. O hindu todavia tinha que defender o seu isolamento d'um importuno, ou, para melhor dizer, de um inimigo, porque Black, o cão do coronel, tomou tal aversão a Nazir que a manifestava mesmo á vista d'elle por grunhidos mudos e pela exhibição da sua ameaçados ra queixada. O animal, que até então, se limitara a demonstrações, acabava de romper as hostilidades precipitando-se sobre o inimigo que estava deitado. Arrancara-lhe o turbante o qual, desenrolando-se na luta, deixou cair um objecto que o animal tinha entre os dentes.

Este objecto é que provocara os rumores da equipagem.

O coronel assobiou a *Black* que veiu depôr a presa aos pés do dono. Imaginem qual não foi o meu horror ao ver uma orelha com um anel de oiro cheio de signaes mysteriosos. Veiu-me immediatamente á idéa a historia de Malaca.

Nazir tinha-se levantado e vinha direito a nós muito socegado; abaixou-se apanhou aquelle fragmento humano, e tornou a mettel-o em uma das dobras do turbante.

— Então tu é que és o assassino de Malaça.

— Não sou o assassino, senhor sou a justiça. O tratante enganara minha filha. Apresentou-se um homem que me disse que casava com ella, se o seductor fora morto. Nazir poz-se a caminho, castigou-o e agora leva a prova da punição áquella que deve d'esposar sua filha.

Tudo isto era dito no tom-suave e lento que o dialecto do Hindostão dá á voz. Estava convencido de que aquelle homem mentia, mas salvara-me duas vezes a vida não podia manifestar alto e bom som o horror que me inspirava; contentei-me por tanto com volver a cabeça.

Nazir foi outra vez para o seu logar, carrancudo e insensivel.

O coronel seguiu-o com a vista.

— Alli está um mano que se me torna suspeito, parece-me que se o encontrasse nos juncaes lhe enviaria uma bala com tão poucos remorsos como se atirasse sobre uma fera.

Ao alvorecer lançavamos ferro em frente de Calcuttá.

Apenas desembarquei, fui a casa do nosso guarda-livros. Partira na vespera para Kayagot, tem-se para fazer umas transacções. Necessitava ir ter com elle e todo o transe e o mais depressa possivel.

Fui a correr despedir-me do coronel, ao *North-India* onde elle se alojara. A bravura e os altos feitos do coronel eram muito notorios no exercito colonial para que a noticia da sua chegada se não espalhasse immediatamente. Encontrei-o á meza com uma duzia de officiaes superiores, que riam a bandeiras despregadas ao ouvirem o coronel dizer-lhes que vinha buscar ás Indias a verdadeira receita do Karrick indiana.

N'este momento apparecia Calm com um prato na mão, fumando ainda, o qual foi collocado diante do coronel.

Ireton provou d'elle.

— Está melhor, Calm, está melhor do que aquelle que me apresentaste em Londres; mas mesmo assim ainda não está tão bom como o que uma vez aqui comi com o capitão Cloves. E' verdade, que foi feito d'esse Cloves?

— Foi para Nagpour, onde o seu regimento está de guarnição.

— Partirei ámanhã para lhe ir pedir a receita. Sessenta leguas nas terras não te assustam, heim Calm?

— Seguil-o-hia até á China n'um pé só, coronel!

— A proposito, e os thugs? perguntou tranquillamente o coronel, ainda ha d'esses animaes?

— Ainda, disse d'alli um major; ma não tenha receio. N'esta epoca do anno, as mudanças de guarnições trazem a transferencia das tropas que ha na entrada de Nigpour. Espere até ámanhã, e partirá então com o destacamento que vae render o de Sumbulpour.

— Está combinado.

(*Continúa*)

rador, em quarto plano, o almirante inglez.

Atraz de D. Thomaz Mello Breyner, em segundo plano, o snr. barão de Grimancellos, segundo commandante dos voluntarios da Rainha; á esquerda do baixo relevo, em primeiro plano, o visconde de Mendonça, coronel dos voluntarios.

2.º BAIXO RELEVO--ENTREGA DO CORAÇÃO DE S. D. PEDRO IV.

No centro do baixo relevo e primeiro plano, o sr. coronel Pimentel, conduzindo a urna que encerra o coração de S. M.

Sobre o estrado o sr. Novaes, presidente da camara municipal, estendendo os braços para receber a urna; á esquerda do presidente, em terceiro plano, o fiscal da camara, Manoel Joaquim de Magalhães Limó; na frente d'esta figura, e com o chapeo na mão, o sr. Luiz J. Pereira; ao canto da esquerda, em primeiro plano, o sr. José Francisco Fernandes; no fundo o sr. João José da Costa.

As tres ultimas figuras formam um grupo que está ligado ao grupo principal, junto do sarcophago elevado sobre o estrado.

Em terceiro plano, á esquerda do sr. coronel Pimentel, o capitão commandante do destacamento de caçadores n.º 5, cujas linhas occupam os terceiro, quarto e quinto planos.

Ao canto do baixo relevo, no primeiro e segundo plano, vê-se um homem e uma mulher do povo, para symbolisar a cidade do Porto. (*Diario Mercantil*)

Idades do homem—E' curiosissima a seguinte lenda hespanhola:

Tinha Jupiter creado os animaes, e determinára que nenhum d'elles vivesse mais de 30 annos.

O burro foi prestar as suas homenagens ao pae dos deuses e perguntou-lhe que missão lhe era destinada na terra.

—Servirás os homens, respondeu Jupiter, e dar-lhe-has exemplo de paciencia.

—Por quantos annos, senhor?

—Por trinta annos.

E' demasiado! exclamou o burro. São demasiados trinta annos de trabalho, bastam-me dez.

Assim seja, disse Jupiter. Viverás apenas dez annos.

Chegou a vez do cão. Feitos os cumprimentos ao senhor do Olympo, foi-lhe por este communicado que tinha de servir os homens fielmente por espaço de trintra annos.

O cão pediu abatimento de vinte annos, o que lhe foi promptamente concedido.

Veio depois o macaco. Ao ouvir que tinha de servir de passatempo á humanidade, durante trinta annos, arrepellou-se, gritou e protestou energicamente.

Jupiter condoeu-se da sorte do macaco e tirou-lhe vinte annos de vida.

Estava pois decidido que o burro, o cão e o macaco viveriam só dez annos cada um. Mas que destino havia de dar Jupiter aos sessenta annos que lhe sobravam da vida que elle destinava aos animaes?

Quando pensava em caso tão delicado, appareceu-lhe o homem.

—Que papel me destinas na terra, perguntou o rei da creação.

—Serás senhor; todos os animaes te ãho de obedecer,

E que tempo hei de viver?

—Trinta annos. Achas muito tambem?

—Pelo contrario, respondeu o homem; acho pouco.

—Ainda bem. Pois faço-te presente dos sessenta annos que aquelles estupidos não quizeram.

Separaram-se satisfeitissimos reciprocamente. Resultou d'este accordo dividir-se a vida humana em quatro periodos.

Vida de homem—Até aos 30 annos; isenta de cuidados e inquietações.

Vida de burro—Dos 30 aos 50: cuidados de familia, trabalhos e desgostos.

Vida de cão—Dos 50 aos 70: pensar no futuro dos filhos; augmento de necessidades, mais actividade e economia obrigada.

Vida de macaco—Dos 70 aos 90: tem-se já a familia enriquecida, dias de verdadeira satisfação: póde-se emfim começar a viver.

E' então que o feliz ancião encontra em si, em logar da frescura e vigor da mocidade, a decrepitude, e o enervamento.

Torna-se macaco; vale-se do chinó e dos dentes postiços: é o primeiro a usar as modas. Ao lado das damas vangloria-se de conservar ateados todos os fogos da mocidade; tem amantes e persuade-se de que ama e é amado; macaqueia emfim o primeiro periodo da vida. (*Nacional*)

Archivo Pittoresco—A primeira gravura do ultimo numero d'este interessante jornal é do Brazil; a segunda das nossas colonias. Ambos os quadros, pois, que nos resproduzem, interessam-nos muito,

Aquella representa a estação de Entre-Rios, na estrada normal de Petropolis ao Juiz de Fora. Esta, uma visita interior da cidade de Moçambique, tirada do terrado da casa do sr. João da Costa Soares.

Continuam n'este numero os artigos sobre as decadas portuguezas de João de Barros, e sobre os genios da Astronomia moderna.

Meio de transferir dinheiro.—No Rio de Janeiro transferem-se quaesquer quantias para todas as cidades, e algumas villas de Portugal e suas ilhas, pelo agente do banco União sobre o mesmo banco, e suas agencias, dando-se tambem, cartas de credito, na rua da Quitanda n.º 125. Assim o vemos em um annuncio do «Jornal do Commercio,» d'aquella capital.

A gondola de Victor Manoel—A gondola, que Veneza prepara para o rei de Italia, será tripulada por dezoito remadores.

Na prôa vê-se o leão de S. Marcos que sustenta o escudo de Saboya; na popa Veneza coroada pela Italia.

O elegante casco, ornado de ecculpturas e arabescos doirados, faz lembrar as fórmas dos antigos barcos.

Na popa eleva-se um riquissimo pavilhão de velludo carmezim com franjas azues bordado a oiro, o que constitue um verdadeiro throno.

O pavilhão está sustentado por columnatas doiradas e circulado de alcatifas, tambem bordadas a oiro.

Em occasião de mau tempo póde ser todo fechado por crystaes elegantemente lavrados e de variegadas côres.

Um genio sustenta as bandeiras collocadas no throno; no centro da gandola fluctua o pavilhão real.

As festas em Veneza—Para o dia que tiver logar a entrada triumphal do rei Victor Manoel em Veneza, prepara-se uma allegorica manifestação de patriotismo.

Uma das mais formosas venezianas, completamente vestida de luto e agrilhoada com cadeias de ferro, se apresentará ao rei d'Italia no momento da sua chegada: porém em vez da chave da cidade um magistrado offerecerá ao rei um machado symbolico destinado a destruir os ferros da escravidão.

No mesmo instante desapparecerão as cadeias e o lugubre trajo da captiva será transformado n'um outro esplendido e riquissimo! onde as fórmas e frescas feições do joven fulgurem tanto quanto a sua formosura o permittir, e os atavios de que se achar revestida.

Esta mudança será feita ao troar das salvas de artilheria, e ao som das ruidosas acclamações populares.

Veneza personalisada e transformada em deusa da liberdade apresentará ao rei a almofada tradiccional onde deve estar collocada uma chave de ouro.

(*Diario Mercantil*)

O beijo.—Do eminente poeta hespanhol Zorrilla é a poesia que transcrevemos da Revolução:

El Beso

—¿ Me amas?—Si.—¿ Te ofenderás
de que á pedirte me atreva
de tu cariño una prueba?
—Segun cual sea.—¡ Ya vas
condiciones á poner!
—¿ No me amas?—Si—Pues tu amor
pruebame con un favor.
—Pues dime tu el que ha de ser.
—Dame um beso.—¡ Eso deseas
como prenda de mi amor!
—No es prenda, sino favor.
¿ Si, ó no?—Si.—¡ Bendita seas¡
—Ven á recibirle.—¡ Espera¡
—¿ Què haces? Poetrarme a tus piés.
—¿ Por qué?—Porque me le dés
como debes.—! Qué quimera!
Tómale.—Aguarda: si crees
que un beso para mi amor
no es un supremo favor.
—¡ Acaba¡—No me le dés.
Si tu ligereza puede
un beso á quien te ama dar
tu alma en él sin empañar,
que el beso en tus lábios quede:
por que el beso que yo anhelo,
de tus lábios al salir
á mi alma deve abrir
los horizontes del cielo.
—Pues tal como le deseas
mi beso te puedo dar.
—¡Me amas!—Si: ven á tomar
mi alma en él.—¡ Bendita seas¡

José Zorrilla

RELIGIÃO

OUTUBRO 25.

S. Chrispim e S. Chrispiniano, Irs. Mm.

Os nomes de S. Chrispim e S. Chrispiano são muito celebres na Egreja de França.

Foram de Roma no meado do terceiro seculo, com S. Quintino e outros varões apostolicos, prégar a fé ás Galias. Chegados a Soissons, ahi fixaram a sua residencia. De dia annunciavam a fé de Jesus Christo, de noite trabalhavam para o seu sustento. Conta-se que escolheram a profissão de sapateiros, não obstante descenderem de uma familia nobre.

Suas instrucções fortificadas pela santidade de sua vida, converteram um grande numero de idolatras. Havia muitos annos que elles viviam d'esta sorte, quando o imperador Maximiano Herculeo veio á Gaula Belgica. Este principe, perante o qual os tinham accusado, querendo attrahir as sympathias de seus accusadores e satisfazer sua natural inclinação á superstição e á crueldade, ordenou que os levassem á presença do prefeito Rictio Varo, o mais implacavel inimigo do christianismo.

Soffreram crueis torturas com admiravel constancia. Finalmente foram decapitados no anno de 287.

OUTUBRO 26.

S. **Evaristo** B. **M.**

OUTUBRO 27.

Os Martyres d'Evora.

CORREIO D'HOJE

Lisboa 22 de outubro

(De um nosso correspondente)

Preparam-se para a proxima sessão legislativa, importantes trabalhos do governo, assim como a opposição está habilmente preparada para a analysar.

A opposição tem muito que fazer, e o paiz muito espera d'ella.

O povo quer saber, para que se gastaram 1.200 contos no campo de Tancos em pleno inverno.

O povo quer saber para que se levantou dinheiro na praça de Pariz á 15 p. c.

O povo quer saber para que servio o governo propôr em côrtes, a separação do ministerio dos negocios estrangeiros de outra qualquer pasta, para no final de contas, estar o sr. Fontes a administrar duas pastas tão importantes como a da guerra e fazenda; esta ultima, coitada geme no mais completo abandono.

Os soldados em Tancos, como teem café, e aguardente pela manhã, carne e vinho ao jantar, andam satisfeitos.

Agora perguntaremos nós, o acampamento instituio-se para a costumar os soldados aos trabalhos de uma campanha, então os soldados em campanha, teem carne e vinho? Estamos sinceramente convencidos que d'esse modo, os soldados quereriam estar sempre em campanha, não tendo um acampamento de instrucção e manobras, porque então é muito melhor!.

Ouvimos que o senhor D. Fernando tenciona durante a estação invernosa, habitar em Cintra, no seu bello palacio da Pena.

Parece-nos que este boato, não é verdadeiro, nem tem fundamento; Cintra de inverno é a Russia, ha gelo e frio como ali, é absolutamente impossivel que El-Rei para lá vá.

O que é um facto é que se procedem a grandes obras no palacio da Pena.

A rainha acha-se felizmente restabelecida de todo.

Sua Magestade El-Rei, parece que vae um d'estes dias a Tancos.

Ouvimos tambem que as tropas quando sahirem do acampamento, em logar de marcharem immediatamente para os seus quarteis, virão á capital, onde El-Rei lhes passará revista em grande parada.

Decididamente estamos uns macacos imitando a França e a Prussia; Deos queira que aos governos d'aquellas nações lhes não lembre o deitarem-se a algum poço, senão ó nosso governo, com certeza segue o exemplo.

Os boatos que correram da proxima vinda a Portugal da rainha de Hespanha, extinguiram-se de todo; Isabel II, parece estar pouco disposta a visitar-nos.

A imprensa da capital, censura hontem o actual governador civil d'este districto, o sr. conde de Cavalleiros, D. Rodrigo José de Menezes, ex-governador civil de Braga, pelo facto de mandar prender e recolher logo á cadeia da cidade, dois individuos, que estavam dando pateada no real theatro de S. Carlos, á interessante *prima-donna* Volpini.

O facto de mandar logo recolher á cadeia, a dois individuos, faz-nos lembrar os bons tempos da forca e do cacete!.

Parece que d'esta vez o sr. José Manoel de Carvalho e Mello, ex-pagador da direcção geral dos telegraphos, vae ser julgado no fim de 16 ou 18 mezes de cadeia!

O *Jornal de Lisboa* de hontem censura asperamente as authoridades judiciaes por este facto.

O collega não tem razão, a censura que se deve fazer, é ao tribunal de contas, que ha tanto tempo ainda não julgou aquelle exactor de fazenda; note o collega, que o tribunal ainda não julgou nem uma conta relativa a telegraphos; já se vê que ha escandalo no caso, ou então potentado compromettido ou compadrio, como diz o collega.

Seja o que fôr a responsabilidade toda é do tribunal de contas, que para nada serve senão para dispender sommas enormes com a sua sustentação; á vista d'isto é preciso pedir ao governo a extincção d'aquelle tribunal que só serve para anichar gente e nada mais.

Uma vez que qualquer exactor de fazenda, pode ser julgado pelo poder judicial, então para que serve o tribunal de contas; se qualquer jurado pode examinar contas de fazenda, então toca a mandar para suas cazas os juizes conselheiros d'aquelle tribunal, que ganham cada um 1:600$000 reis, para andar por ahi de fardalhão e mais nada!

Não podemos ter luxos, se o tribunal só serve para isso, fóra com elle.

O *Diario* de hoje vem completamente desprovido de interesse.

O tempo, hoje está magnifico.

P.

CORRESPONDENCIAS

Porto 22 d'Outubro.

(correspondencia particular)

A estatua equestre erigida á memoria do immortal D. Pedro IV, e a vinda de SS. MM. a esta cidade tem sido o principal motivo de virem aqui muitas familias da capital e provincias.

Como já devem saber os leitores o dia 19 foi o designado para a inauguração do monumento, que hoje se vê no centro da Praça de D. Pedro. Vieram assistir a esta grande festa SS. MM. o snr. D. Luiz I e seu augusto pae o snr. D. Fernando, com o fim de tornar mais solemne o dia 19, que sem duvida deve marcar mais uma pagina dourada no livro dos fastos portuenses.

Seriam quasi 10 horas da manhã do dia 18 quando á estação da via-ferrea chegava o comboyo, em que vinham os reaes viagantes acompanhados da sua comitiva. Alli foram esperados pela camara municipal de Villa Nova de Gaya, autoridades civis, militares e mais pessoas de representação. A estação das Devesas estava ricamente embadeirada, assim como a ponte Pensil, navios surtos no Douro e caes da Ribeira, aonde a excm.ª camara desta cidade os esperava para fazer a ceremonia da entrega das chaves no pavilhão real, a cujo lado esquerdo se achavam postados os regimentos d'infantaria 18 e 3 de Vianna. S. M. o sr. D. Luiz trajava de generalissimo. O prestito seguiu d'alli para a egreja da Lapa, aonde se fez celebrar um solemne *Te-Deum*, a que officiou o exm.º bispo da diocese, e acabado que foi dirigiu-se o mesmo prestito para o real palacio da Torre da Marca, aonde chegou seria meio dia. As ruas do transito achavam-se lindamente adornadas de ricos damascos de seda assim como muitas outras.

Da comitiva de que acima fallei, faziam parte o exm.º snrs. visconde da Praia da Grande, marquez de Sá, D. Luiz de Mascarenhas, D. Pedro de Arcos, marquez de Ficalho, ajudante de serviço, Coutinho, medico de S. M. e um major.

Ás 4 horas da tarde SS. MM. dirigiram-se ao Palacio de Crystal, aonde se demoraram por bastante tempo, analysando muitos objectos, com especialidade o magnifico bazar de flores, que se acha na chamada *Caza dos Tabacos*. Depois de tudo isto voltaram SS. MM. para o seu palacio da Torre da Marca pela volta das 5 horas, seguindo-se ás 7 o jantar para que foram convidados algumas pessoas particulares.

No dia seguinte S. M. El-Rei dignou-se inaugurar, ás 9 horas da manhã, o *Estabelecimento Humanitario do Barão de Nova Cintra*, e ao meio dia houve recepção no Paço.

A's 2 e meia teve logar a inauguração do magnifico e bem construido monumento erigido á memoria do dador da Carta Constitucional, o snr. D. Pedro IV.

Seria desmasiadamente laborioso fazer uma completa descripção dessa grande festa do dia 19, e até direi, que seria uma cousa impossivel; com tudo darei uma noticia summaria do que se passou de mais notavel.

Em torno da Praça de D. Pedro estavam formados os regimentos d'infantaria 3 e 18, um batalhão de cavallaria n.º 6, a guarda municipal, algumas praças de caçadores 5 e ainda um resto dos bravos soldados, que haviam militado debaixo do commando de S. M. imperal o snr. D. Pedro IV.

Alli tocavam alternadamente algumas bandas de musica até que entraram SS. MM. e a camara, cujo presidente o excm.º visconde de Lagoaça pronunciou o discurso do estylo junto ao pavilhão real, que se achava ricamente construido ao sul da Praça Nova, e ao qual S. M. se dignou responder em termos benevolos e lisongeiros para os habitantes do Porto. Finalisados os discursos, e achando-se todo o recinto da Praça coberto de innumeraveis pessoas, todas as janellas e até os proprios telhados das cazas. S. M dirigiu-se perto da estatua equestre, a qual estava coberta com um vêo de cores nacionaes, e dezencerrando-a o exm.º snr. presidente da camara levantou vivas a SS. MM. á Carta Constitucional e a toda a dynastia reinante; o que igualmente foi correspondido enthusiasticamente pelas tropas e pela grande multidão de povo, que se aglomerava junto á Praça de D. Pedro.

Logo as gyrandolas de fogo annunciaram a grande solemnidade da inauguração, ouvindo-se immediatamente as peças d'artilharia nos fortes da serra do Pilar, S. João da Fóz e nos navios de guerra surtos no rio Douro.

SS. MM., depois d'acabado o solemne acto da inauguração dirigiram-se á caza municipal, aonde se demoraram pouco tempo, seguindo d'alli para a egreja de N. S. da Lapa, aonde foram assistir ao *Te-Deum*, officiado tambem pelo exm.º prelado, antes do qual o snr. Sant'Anna recitou a eração gratulatoria, que agradou muitissimo ás innumeraveis pessoas, que enchiam aquelle vasto templo.

Por essa occasião formavam á porta da egreja a guarda d'honra os voluntarios da rainha e de caçadores 5, uma força d'infantaria 3 e a competente bandeira.

Depois do *Te-Deum* SS. MM. dirigiram-se para o seu palacio da Torre da Marca, e ás 7 horas teve logar o jantar, a que por convite de SS. MM. assistiram os excm.os snrs. bispo da diocese, governador civil e outros. Acabado o jantar, SS. MM. dignaram-se receber os cumprimentos de despedida para ás 11 horas estarem nas Devezas devendo o comboyo real sahir d'ahi á meia noite.

A Praça de D. Pedro esteve embandeirada á noite e illuminada até ás 11 e meia, tocando alli duas bandas de musica. A caza municipal produzia uma vista magnifica por causa da illuminação a gaz.

—Hontem houve uma linda representação d'alta gymnastica no Palacio de Crystal, sendo executada pelos muitos applaudidos acrobatas portuguezes Pena e Bastos.

E' impossivel descrevérem-se as difficuldades dos trabalhos, que executam aquelles dous mancebos, dos quaes o ultimo, o snr. Bernardo José Pereira Bastos é de Cabceiras.

A cidade do Porto tem-nos applaudido e com justiça; porque sabe avaliar os merecimentos de taes mancebos.

S. M. o snr. D. Fernando dignou-se tambem assistir a uma das representações que deram os distintos acrobatas no dia 19.

Barrozo.

ANNUNCIOS DIVERSOS

AGRADECIMENTOS

Francisco Jacome de Sousa Pereira de Vasconcellos, agradece por este meio, em quanto o não faz pessoalmente, a todas as pessoas que durante a sua grave enfermidade tiveram a bondade de procurar saber da sua saude e de por ella se interessarem, testemunhando-lhes o seu reconhecimento e gratidão. (15)

José Antonio d'Oliveira da Costa Gonçalves e seu tio José Fernandes d' Oliveira, abbade de S. Thyago da Cruz, altamente penhorados pelas provas de consideração prestada á memoria de sua desventurada mãe e irmã D. Anna Emilia da Purificação Oliveira e Costa, agradecem cordealmente a todas as pessoas, que se dignaram comprimental-os, e acompanhar o cadaver da finada á sua ultima morada.

Guilherme Firmino da Cunha Reis, não podendo agradecer pessoalmente a todas as pessoas que o visitaram durante a sua molestia, o faz por este modo protestando a todos o seu reconhecimento

D. Carlota Joaquina Cardoso Cunha Reis sua filha D. Rita Cunha Reis, D. Izabel Maria de Meirelles Coelho Leite Bacelar, Joaquim Firmino da Cunha Reis e Guilherme Firmino da Cunha Reis, summamente penhorados pelas provas de consideração que receberam por occasião do fallecimento de seu sempre chorado marido e pae, Joaquim Jeronimo da Cunha Reis, agradecem cordealmente a todas as pessoas que se dignaram compermental-os, e acompanhar o cadaver do finado á ultima morada.

Pelo Juizo de direito d'esta comarca, e cartorio do escrivão José Joaquim Penha Fortuna, no dia 28 do corrente por dez horas da manhã tem de voltar á praça em continuação, por não ter havido tempo nos dias em que já tiverão lugar as praças nos dias 14 e 21 do corrente, as fazendas, estantas e quinquilherias, penhoradas a João Antonio da Silva Paredes, na execução que lhe movem Antonio Luiz da Silva e filho da cidade do Porto; cujas se acham em poder do depositario o revd.º Mathias Antonio de Magalhães, morador na rua do Souto, onde podem ser examinadas, e hade ter logar a praça. Quem nas mesmas quizer lançar póde comparecer na dita rua do Souto e caza do dito depositario, no mencionado dia 28 do corrente pelas dez horas da manhã.

O SOLICITADOR

Manoel Joaquim Antunes

(17)

Pelo Juizo de Direito desta comarca e cartorio de Ribeiro, e no dia 11 do futuro mez de Novembro, pelas 10 horas da manhã, e á porta do tribunal judiciario, no Largo do Paço, se tem de proceder á arrematação de uma morada de casas, campo e mais pertenças, tudo circuitado sobre si e junto ás primeiras capellas do Sanctuario do Bom Jesus do Monte, freguezia de Santa Eulalia de Tenões, chamada a Quinta do Arco. E isto por deliberação do conselho de familia nos autos de inventario a que se procedeu por fallecimento de Manoel da Cunha Ozorio Coutinho Rebello, que se acha lovada na quantia de 1:096$290 rs. e por isso toda a pessoa que quizer lançar na referida propriedade póde querendo comparecer no dito dia, hora e local.

(18) *Ribeiro.*

PALMEIRA & CARNEIRO

Rua do Souto n.º 7

Tem á venda no seu estabelecimento um variado sortimento de vidros, crystaes, vidraça, porcelanas, louças nacionaes e estrangeiras, papel pintado e dourado para forrar sallas, genebra holandesa, Aguardente do Paraty, gaz liquido e candieiros para o mesmo, louça de ferro ingleza para cosinha, sendo panellas, chaleiras e cassarolas tudo estanhado, e de differentes tamanhos; assim como continuam vender vinhos engarrafados da Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto Douro, e muitos outros objectos. (19)

PALMEIRA & CARNEIRO

Rua do Souto n.º 9.

Acabam de abrir e deposito de vinhos engarrafados e a retalho, das vinhas do Alto Douro, pertencentes é casa de Villa Pouca. Assim como tem á venda um bom sortimento de louça ingleza de ferro estanhada, para cosinha, que vende por preços favoraveis. (20)

O conselho administrativo da 4.ª divizão militar annuncia, que, no dia 8 do proximo mez de novembro, pelas 10 horas da manhã, no quartel general da dita divisão, hade ter logar perante o mesmo conselho, a arrematação das obras precisas para concerto do telhado, caiação e diversos reparos na praça de Caminha, e no quartel inferior á mesma casa, bem como para a repação dos telhados da casa da guarda principal da dita praça, com as condições que estarão patentes no acto da arrematação.

Quartel General em Braga 18 de Outubro de 1866.

O Presidente do Conselho

(16) *José Guedes de Castro e Carvalho.*

CARREIRA DIARIA

Entra Braga e Povoa do Varzim.

VINAGREIRO

Participa aos seus amigos e freguezes que as suas diligencias entre Braga e Povoa do Varzim, continuam com a carreira diaria e por preços commodos, e partem desde o dia 12 do corrente em diante—de Braga para a Povoa ás 6 horas da manhã, e da Povoa para Braga á mesma hora; e para maior ceridade e commodidade dos seus freguezes tem mudas no caminho.

Os bilhetes vendem-se em Braga em casa de João Baptista Resende, no Campo de Santa Anna, e na Povoa no escriptorio do annunciante. (13)

LOJA AFORTUNADA.

ALMEIDA

Praça de S. Roque n.os 13 e 14

(Largo do Souto.)

Loteria da Mesericordia de Lisboa.

Premio grande 20.000$000,

EXTRACÇÃO NO DIA 24 DE OUTUBRO DE 1866.

Francisco Marques d'Almeida, affiançado no governo civil do Porto, conforme o edital de 28 de junho de 1866.

Continúa a ter á venda na sua bem afortunada loja na praça de S. Roque n.os 13 e 14, bilhets a 10$600, meios ditos a 5$300, quartos a 2$700, oitavos a 1$350, e cautellas de 500, 250, 130 e 40 reis, da presente loteria de Lisboa, os quaes vende por preços rasoaveis. O mesmo satisfaz com promptidão toda e qualquer encommenda que lhe seja feita, vindo acompanhada do respectivo importe, remettendo gratis no fim da extracção a lista dos premios a seus freguezes.

Arrenda-se uma morada de cazas sita na Travessa de S. João n.º 9.

Quem a pertender falle na mesma caza.

ATTENÇÃO

ASSUMPÇÃO

22—RUA DOS CAPELLISTAS—22

Tem á venda vinhos finos de 240 a 600 rs. a garrafa; assim como botijas com genebra Holl. egualmente têem stearina em masso de 4 a 6 vellas, a 160 rs. cada um.

FÉ CATHOLICA

JORNAL RELIGIOSO

Este jornal, que conta cinco annos de existencia, publica-se em Lisboa nos dias 15 e 30 de cada mez, sob a protecção de uma commissão composta de differentes cavalheiros e presidida pelo ex.mo e rev.mo monsenhor José Maria da Cunha Grã e Athaide.

Publicou-se o n.º 101, correspondente a 15 de corrente, contendo os seguintes artigos: — Commemoração —Vocabulario Democratico ou a hypocrisia revolucionaria — A leitura como elemento de educação — Revista religiosa.

Assigna-se no escriptorio do mesmo jornal, largo da rua dos Canos n.º 26 — 1.º andar — Preços das assignaturas: por anno 1$200, rs. semestre 600 rs. Provincia (franco) anno 1$320, rs. semestre 660 rs.

Os snrs. da provincia, podem dirigir-se ao local acima indicado ao administrador do jornal a—Fé Catholica.

BILHETES DE VIZITA

Fazem-se em casa de Eduardo Coelho, Largo do Barão de S. Martinho.

Preço do cento em relevo	960
50 » »	720
100 litographados	1200
50 »	960

Tambem se encarrega de bilhetes para casamento. (12)

Manoel Joaquim Antunes, Solicitador da Fazenda Nacional, n'esta Comarca, e de negocios forenses nos auditorios d'esta Cidade, morador na rua de S. Vicente n.º 10, declara aos seus amigos e constituintes, que se acha legalmente auctorizado segundo o Decreto de 6 de Setembro do corrente anno, para continuar a tractar de todos os negocios que lhe forem encarregados, e que digão respeito ao seu mistér.

COLLEGIO DE N. SENHORA DO PORTO D'AVE,

No concelho da Povoa de Lanhozo.

Principiam as aulas neste collegio no dia 8 d'outubro. Torna-se recommendavel aos paes de familias como um dos que mais vantagens offerece. E' commodo, está bem situado e, por ser aldea, não ha alli a corrupção que superabunda nas cidades. Tem professores legalmente habilitados em todas as disciplinas de que consta o programma, e pelo feliz resultado que os alumnos tem obtido nos exames, ha quatro annos a esta parte, está provado o bom methodo d' ensino ali adoptado.

Precisa-se d'uma Senhora, maior de 40 annos, para governar uma casa, e educar 4 meninos. Quem estiver nessas circumstancias, póde dirigir-se á rua do Souto desta Cidade, casa n.º 14, aodde reside da Cunha Pinto Barbosa. (13)

ESTUDOS

SOBRE

ESCRIPTURAÇÃO MERCANTIL

J. M. d'Almeida Onteiro.

Sob este titulo se publicará brevemente uma obra de muita utilidade para o commercio.

Tractando da escripturação por partidas dobredas, compôr-se-ha de duas partes, uma theorica e outra pratica, assim divididas:

PRIMEIRA PARTE.— Noções de contabilidade — Descripção dos livros — Theoria das contas; regros para o conhecimento do devedor e do credor — Balanço geral — conta de liquidação — Contas de participação.

SEGUNDA PARTE.— Applicação dos principios de escripturação — Operações tanto de commercio simples, como de sociedade, em tres livros = Memorial, Diario e Razão = com balanços e inventarios.

Termina com modêlos de livros auxiliares e um formolario de documentos de escriptorio.

O auctor, dando á sua obra o titulo de CSTUDOS SOBRE ESCRIPTURACÃO MERCANTIL, não teve a pretenção de apresentar um trabalho que sobre-elevasse a quantos se tem publicado; quiz unicamente compen-diar o que se estudára sobre esta importante materia, servindo-se principalmente das obras de *Degranges, Deplanque* e outros. Terá conseguido apresentar um resumo d'estes e outros notaveis auctores de modo a satisfazer os que o lêrem? O auctor não póde antever a apreciação do seu trabalho; mas esforçou-se por que os *Estudos Sobre a Escripturação Mercantil* podessem satisfazer o leitor.

Se esta primeira tentativa fôr bem succedida, publicará outro livro que será como que a continuação d'este.

A obra formará um volume em oitavo francez de mais de 300 paginas.

Preços para os assignantes. . 800 reis.

Assigna-se na livraria de Eduardo Coelho em Braga, e nos Arcos em casa do snr. Diogo José Cerqueira Dantas.

SANTO ANTONIO

(RESUMO DA VIDA)

Folheto contendo a trezena, responso e oração para todos os dias.

Vende-se na imprensa dos Orfãos no Campo dos Touros debaixo da arcada n.º 24.; e na loja de livros de João Manoel da Silva rua do Anjo n.º 12. Preço, cada folheto 30 rs. E quem comprar de 100 para cima terá 8 por cento de abatimento.

LEGITIMO GUANO DO PERÚ

IMPORTAÇÃO DIRECTA DAS ILHAS CHINCHAS

Este adubo fertilisador cuja superioridade sobre qualquer outro é hoje universalmente reconhecida acha-se depositado em Lisboa.

Os unicos encarregados da venda em Portugal são Morrogh Walsh & C.ª com Escriptorio na dita Cidade, na rua da Emenda N.º 30.

As vendas são feitas a prompto pa-gamento.

O preço é 900 rs. por 15 Kilogrammas incluindo a sacca, em porções não inferiores a 70 Kilogrammas entregues no armazem.

As ordens para a entrega do genero são passadas no escriptorio dos referidos agentes, no acto do pagamento, onde tambem se distribuirão aos compradores as instrucções impressas para o emprego deste adubo.

Os mesmos agentes encarregam-se de remessas não inferiores a 10 saccas, 50 arrobas, p. m. ou m., devendo os pedidos ser accompanhados d'uma ordem sobre qualquer dos Bancos ou Caza Commercial de Lisboa, ou de vales do correio.

N. B. Sendo a humidade prejudicial a esse genero convem que as remessas sejam feitas antes da estação chuvosa. (1)

GRAND DICIONNAIRE UNIVEREL DU XIX IÈCLE

Eduardo José Fernandes Coelho

Na esquina do Campo de Sancta Anna

Correspondente da casa de Moré do Porto

Previne todos os snrs. assignantes do dito diccionario, que d'ora ávante se distribuirão as suas assignaturas em casa do annunciante.

Braga 22 de Março de 1866. (41)

PROPRIETARIO—**Augusto Valladares**

ADMINISTRADOR—**Francisco José Lopes**

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS FEIRAS E DOMINGOS

Assigna-se, em Braga, no escriptorio da redacção, rua Nova n.º 24. Este jornal não póde assignar-se por menos de seis mezes. As assignaturas devem ser pagas por trimestre adiantado. Preço por semestre 2$000; pelo correio (franco) 2$240: por anno 3$500; pelo correio (franco) 3$980. Annuncios 20 reis por linha. Communicados e correspondencias de interesse particular 40 rs. por linha. Folha avulso 50 rs. Os snrs. assignantes terão o abatimento de 25 % no preço de todos os seus annuncios. Terão alem d'isso, por mez, um annuncio repetido, gratis.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director do jornal, estampilhada. Escriptos que não tenham estampilha de franquia não serão recebidos. Publicações de interesse particular são pagas. Os escriptos enviados á redacção sejam ou não publicados, não serão restituidos.

Typographia dos Orphãos Praça Municipal, debaixo da Arcada n.º 24 B.